

Sociedade de Controle e nomes múltiplos: o caso Black Bloc

Resumo

— Ao atentar para a produção acadêmica destinada a compreender uma prática social, o nome múltiplo, que embora seja antiga tem ganhando destaque a partir dos anos 90, é possível perceber que há poucos estudos sobre o tema. Dessa forma, entendemos que é necessário se debruçar sobre o contexto no qual esta tática passa a ser mais utilizada, a sociedade controle, a fim de perceber a relação entre a conjuntura social e político que pretende vigiar e controlar as pessoas de forma contínua e uma tática que, como uma guarda chuva, abriga diversos membros que utilizam o mesmo nome, o que os transforma em anônimos. a fim de delimitar o objeto de estudos e com isso compreender com mais clareza as relações sociais e os arranjos de poder dentro do nome múltiplo, optamos por trabalhar apenas com o Black Bloc. A escolha se deu por conta da atenção dada a esse grupo pela mídia, o que possibilitaria uma pesquisa mais consistente, além de trabalhar com um tema que esta presente no imaginário popular.

1. Introdução

1.1 Contexto

Em 1990, seguindo indícios deixados por Foucault, o filósofo Gilles Deleuze publicou um pequeno artigo intitulado “Post Scriptum sobre a sociedade de controle” no qual problematiza o surgimento da sociedade de controle. Para tanto, o autor analisa as semelhanças e diferenças entre o funcionamento da sociedade de controle e a sociedade disciplinar.

Para o autor, a sociedade de controle se caracteriza por uma atuação fluída do poder, em oposição à rigidez da sociedade disciplinar, isto é, enquanto na sociedade disciplinar o poder se exerce em ambientes fechados (escolas, presídios, fábricas e etc) através de castigos e punições pontuais que procuravam colocar o indivíduo infrator novamente nos padrões, a sociedade de controle, por sua vez, realiza-se através de modulações e redes, de forma a garantir que o poder exercido sobre o indivíduo seja contínuo.

Rogério Costa (2004) define rede na sociedade de controle como uma “suposta ausência de limites definidos ” (p. 161), isto é, o poder não concentra sua atuação em certos ambientes, ele se encontra disperso por toda a sociedade. Já por modulação, entendemos o modo de lidar com as

informações, não se preocupando com informações do indivíduo; a ação característica na sociedade de controle é articular e relacionar informações de diversos indivíduos visando criar um quadro maior, ou seja, as massas “tornam-se amostras, dados, mercados, que precisam ser rastreados, cartografados e analisados para que padrões de comportamentos repetitivos possam ser percebidos.” (idem, p.162)

Por conta de sua atuação em rede, a sociedade de controle encontra nas tecnologias digitais e na internet uma de suas principais ferramentas, já que essas permitem visualizar, manipular e relacionar os dados gerados pelos usuários. No entanto, deve ficar claro que a internet não foi criada com a intenção de vigiar e controlar pessoas. De acordo com Castells, a “internet é uma tecnologia particularmente maleável, suscetível de ser profundamente alterada por sua prática social, e conducente a toda uma série de resultados sociais potenciais – a serem descobertos por experiência, não proclamados de antemão.”(2001, p.110).

Nesse sentido, diversos grupos políticos desfrutaram da capacidade da internet de enviar e receber informações instantaneamente, independente da distância geográfica do remetente e do destinatário, como meio não só de organizar protestos como também de criar alianças transnacionais que visassem resistir às investidas do capitalismo; além da possibilidade de planejar, sugerir e debater futuros atos de maneira (pelo menos em um primeiro momento) anônima.

1.2 Nomes Múltiplos

Em meio as manifestações políticas que fazem uso das tecnologias de comunicação digital em rede, como a internet, encontramos os Nomes múltiplos, que podemos definir como um grupo de pessoas que adotam o mesmo pseudônimo e com ele passam a assinar manifestações das mais variadas naturezas, de intervenções artísticas ao hackeamento de sites; da destruição de símbolos da propriedade privada empresarial à autoria de livros. Como atesta Mesquita (2008, p.55)

O uso de nomes múltiplos tem uma longa história e sua origem remonta a antigas práticas místicas, religiosas e sociais , tal como a resistência coletiva dos luddistas, trabalhadores ingleses do século XIX que inspirados por um líder imaginário chamado Ned Ludd (conhecido também como Capitão Ludd), destruíam as máquinas de tecelagem e ateavam fogo nas propriedades de seus empregadores contra as mudanças trazidas pelo sistema de produção da Revolução Industrial.

Ainda que os nomes múltiplos sejam utilizados há muitos séculos, é difícil encontrar documentos que comprovem a real existência dos mesmos ao longo da história. Para nosso estudo,

interessa-nos o período que se inicia na década de 1990 - num contexto de difusão das tecnologias digitais em rede - em que é possível perceber um grande crescimento no surgimento de grupos que utilizam nomes múltiplos de forma estratégica, buscando estabelecer uma nova forma de ação política.

Consideramos que há dois tipos de nomes múltiplos, os fechados e os abertos. Podemos definir o primeiro tipo como um grupo de pessoas que utilizam o mesmo nome, mas não permitem que outras pessoas façam uso desse nome múltiplo. Há, portanto a formação de uma entidade que decide o que deverá ou não ser realizado. Caso um elemento externo a esse grupo procure fazer uso desse nome múltiplo, essa entidade pode expor que se trata de impostores, o que deslegitima sua ação.

Talvez o nome múltiplo fechado mais emblemático já surgido tenha sido o Exército Zapatista de Libertação Nacional, também conhecido pelo sigla EZLN. Em primeiro de janeiro de 1994, liderados pelo subcomandante Marcos, milhares de indígenas armados e com o rosto coberto, tomam alguns municípios do Sul do México. Sua principal motivação era criar uma rede contra a política econômica neo-liberal e por isso a guerrilha militar tratou de iniciar suas ações no mesmo dia em que o Tratado de Livre Comércio da América do Norte começava a vigorar.

Importante esclarecer que embora Marcos seja considerados por alguns como líder, sua própria Patente (sub-comandante) deixa claro que ele não tem poder algum de dar ordens, sendo seus atos e discursos submissos as decisões do EZLN.

Já os nomes múltiplos abertos se caracterizam pela ausência total de qualquer tipo de entidade que tenha poder de legitimar ou não as ações que são praticadas pelo nome múltiplo. Em outras palavras, os nomes múltiplos dessa natureza permitem que qualquer pessoa possa fazer uso de seu nome. Na Itália, temos dois exemplos desse “caso”, os Tute Bianche e Luther Blisset. Os primeiros se caracterizavam por se vestirem com macacões brancos durante as manifestações e se organizarem em blocos de forma a proteger a si próprios e a outros manifestantes contra a violência policial, utilizando objetos, geralmente feitos por eles mesmos, como escudos de plásticos e mascarar anti-gás lacrimogênio, além de barricadas.

Já Luher Blisset, embora tivesse um rosto definido (montado através de junção de elementos de rostos de pessoas anônimas), nunca manifestou sua existência no mundo material. Seu campo de ação não eram as manifestações, e embora seu objetivo fosse agir utilizando a força do adversário, no caso a mídia, contra ela mesma, as batalhas travadas se davam no universo imaterial. Dessa forma, eram realizadas diversas ações que procuravam colocar a mídia em “uma trama impossível de se captar e de se entender, uma trama que provoca a queda da mídia, vítima de sua própria prática” (Blisset, 2001 p. 28.).

Um exemplo dessas ações foi o caso do desaparecimento do artista inglês Harry Kipper. Através de uma rádio de Bolonha, amigos de Kipper informaram que o artista desapareceu durante uma viagem ao norte da Itália. O programa de TV Italiano *Quem o viu?* (que procurava com a participação do público encontrar pessoas desaparecidas) se interessa pelo assunto e resolve investigar o caso. A equipe do programa realiza entrevistas com amigos do artista, visita lugares que o mesmo costumava frequentar e apresenta alguma de suas obras. Entretanto, um pouco antes de ir ao ar uma descoberta faz com que o programa não seja exibido: Harry Kipper não existia. Tudo foi forjado por uma rede de pessoas distribuída por países como Itália e Inglaterra que assinavam com o mesmo nome: Luther Blisset.

Em ambos os casos, não há uma entidade responsável por falar em nome do Tute Bianche ou de Luther Blisset. Indivíduos e Grupos distintos, podem compor esses nomes múltiplos sem correr o risco de serem considerados farsantes, a não ser que não sigam os princípios básicos associados àquele nome múltiplo. Essa ideia ficará mais clara quando abordarmos as características e especificidades do uso do nome múltiplo

de todo modo, os nomes múltiplos que tiveram maior repercussão, ao menos no Brasil, foram outros dois, o Anonymous e o Black Bloc. Ambos nomes múltiplos abertos. O Anonymous surgiu na internet e se caracterizou basicamente por ataques virtuais que sobrecarregavam sites de modo que os mesmos saíssem do ar ou então o site era hackeado e passava, mesmo que por um curto período de tempo, a exibir palavras de ordem ou um pequeno texto que explicava o porquê do site estar sendo alvo de hackers.

O Anonymous não ficou preso à atuação no ambiente digital e passou a ir às ruas em manifestações das mais variadas causas. Para compor a identidade visual desse nome múltiplo foi adotado a máscara do Personagem V da história em quadrinhos V de Vingança, publicada em 1988 e que só se popularizou quase duas décadas mais tarde quando se tornou filme.

A adoção da máscara é um elemento importante pois em todos os nomes múltiplos os rostos são cobertos de alguma forma, de modo que uma característica importante da identidade de cada participante, o rosto, desaparece, colaborando para que haja uma reformulação da própria identidade.

O Black Bloc, por sua vez, surgiu na Alemanha e, embora tenha aparecido durante a década de 1980, só se popularizou na década seguinte. Inicialmente suas ações se resumiam a defender a si mesmo e a outros manifestantes da ação truculenta das forças repressoras do Estado. Para isso faziam cordões de isolamento nas passeatas retardando a ação da polícia, dificultando a ação de provocadores e evitando a dispersão de manifestantes.

Entretanto, na década de 1990, no bojo das manifestações anti-globalização, mais

especificamente durante os atos contra o encontro da Organização Mundial do Comércio em Seattle, o Black Bloc aderiu a outra forma de ação, quebrando estabelecimentos comerciais de empresas multinacionais e bancos, o que na visão do grupo é uma ação performática, não violenta, já que nenhuma pessoa é agredida, realizada para “*‘quebrar o feitiço’ do mundo corporativo e assinalar uma frustração quanto ao caráter pouco ameaçador dos protestos simbólicos*” (Mesquita, 2008 p. 166).

A mudança de tática operada pelo Black Bloc aconteceu porque os ativistas consideraram que era necessário ir além das manifestações não violentas que se consolidaram nos Estados Unidos após a triunfante vitória de Martin Luther King. Esse tipo de manifestação consistia na ideia de não revidar a ação policial, mesmo quando esta agia de forma atroz, pois com a cobertura da mídia, seria possível colocar em xeque comportamentos e leis vigentes no país. Isso de dava pois os manifestantes não respondiam com o uso da força à violência sob a qual eram submetidos, o que gerava indignação da opinião pública, fazendo com que grande parcela da população se voltasse contra o agressor, e repensasse seus costumes, visões de mundo e preconceitos.

Entretanto, ativistas se deram conta que essa tática não era mais eficiente pois um elemento essencial para o sucesso da ação, a mídia, já não participava de forma efetiva, isto é, grandes veículos de comunicação deixam de mostrar a ação policial ou a mostravam de forma totalmente parcial, fazendo parecer que a polícia agiu de forma moderada nas manifestações ou então que não houve confronto algum entre manifestantes e as forças opressoras do Estado.

Procurando trazer de volta a atenção da mídia, o Black Bloc começou a promover a destruição de estabelecimentos que consideram como ícones do capitalismo, “tudo isso foi pensado dentro da tradição da não violência, já que implicava destruir coisas, mas nunca machucar seres humanos ou animais.” (Ortellado, 2014. black bloc na sombra)

No Brasil, o Black Bloc opera, na maioria das vezes, de acordo com os princípios do que adquiridos nos Estados Unidos. Como afirma Pablo Ortellado (2014)

O sucesso parcial da tática, ao capturar a atenção da imprensa, fez com que ela se espalhasse pelo mundo. Aqui, a tática tem sido empregada já há alguns anos segundo os princípios estabelecidos pelos primeiros black blocs norte-americanos: não atacar pessoas nem destruir propriedade dos pequenos comerciantes.

Após dar exemplos de nomes múltiplos, consideramos importante elencar suas características e especificidades. Como dito anteriormente, os nome múltiplos se constituem através da reformulação da identidade de seus componentes. Para tanto, a constituição de uma nova

identidade visual se faz necessário. Isso fica claro se pensarmos que em todos os exemplos que demos anteriormente, seja de nome múltiplo aberto ou fechado, são adotados uma série de apetrechos e vestimentas que são essenciais para aquele que compõe o nome múltiplo. O Tute Bianche utilizava máscaras e macacões brancos; o anonymous faz uso da máscara do Personagem V; o Ezln se caracterizava pelo uso de pasamontañas; o Black Bloc pelo uso de roupas pretas e, por fim, o rosto de Luther Blisset era formado através da junção de partes de rostos de diversas pessoas.

Os nomes múltiplos não lidam com a necessidade de reformular a identidade de seus componentes apenas no aspecto visual, essa característica também aparece nos discursos de alguns nomes múltiplos. Nesse sentido temos o lema do Anonymous: "Nós somos Anonymous. Somos uma legião. Nós não esquecemos. Nós não perdoamos. Esperem por nós."; como também no discurso zapatista recuperado por Salvatti em sua tese de doutorado: "A voz que se arma para ser ouvida' vem atrelada 'à face que se esconde para ser vista e nesses rostos escondidos, segundo os zapatistas, podem ser esboçadas as feições de qualquer pessoa ou de qualquer lugar que se levante para resistir à opressão." (2010, p.35); ou ainda no comunicado do Sub-comandante Marcos em que dizia:

Marcos é gay em São Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, hispânico em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, roqueiro na cidade universitária, judeu na Alemanha, feminista nos partidos políticos, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, artista sem galeria e sem portfólio, dona de casa num sábado à tarde, jornalista nas páginas anteriores do jornal, mulher no metropolitano depois das 22h, camponês sem terra, editor marginal, operário sem trabalho, médico sem consultório, escritor sem livros e sem leitores e, sobretudo, zapatista no Sudoeste do México. Enfim, Marcos é um ser humano qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, exploradas, dizendo ¡Ya basta! Todas as minorias na hora de falar e majorias na hora de se calar e aguentar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra. Tudo que incomoda o poder e as boas consciências, este é Marcos."

Fica evidente, aqui, que os nomes múltiplos não se encerram nas reivindicações que levaram ao seu surgimento. O EZLN, por exemplo, embora tenha como ponto importante a questão dos direitos indígenas, vai além e incorpora à sua luta questões de gênero, o anti-racismo e a exploração econômica, abrigando muitas vezes causas que, a princípio, não são as suas.

Outra característica importante, referente apenas aos nomes múltiplos abertos, é que esses se organizam de acordo com o que Pablo Ortellado (2004) chama de rede:

Redes não são organismos com uma estrutura organizacional definida ou com posições uniformes – elas são flexíveis, fluidas, plurais e descentralizadas. Redes são uma forma relativamente nova de associação, na qual as “partes” (que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo outras redes) se unem para perseguir objetivos específicos respeitando apenas princípios gerais acordados. (...) O que une aqueles que atuam na rede são apenas objetivos bem determinados e princípios gerais que restringem numa medida razoável a participação para que se mantenha uma mínima orientação política (p. 17)

Ainda trabalhando com essa ideia de rede, verificamos que uma das regras de conduta que a rege é derivada de um princípio caro à teoria anarquista: a livre associação. Sendo assim, os participantes da rede podem colaborar apenas em campanhas de seu interesse, fazendo com que a rede se torne aberta e flexível, composta apenas de indivíduos e grupos interessados em determinadas ações.

Importante esclarecer que os nomes múltiplos fechados não se organizam desse modo pois a estrutura de rede, onde é permitido participar ou não de determinados atos, não é compatível com a ideia de uma entidade que fala em nome do nome múltiplo, e que decide seus atos.

Por fim, ainda trabalhando apenas com os nomes múltiplos abertos, devemos ficar atentos ao fato que embora não se constitua uma entidade com poder para deslegitimar determinadas ações, em nomes múltiplos específicos há diretrizes claras que devem ser seguidas, o que gera um compartilhamento de linguagens éticas e estéticas. Como exemplo, podemos pensar no caso de alguém que componha o Black Bloc mas durante uma manifestação agrida uma pessoa. Temos nesse exemplo, uma clara transgressão do princípio desse nome múltiplo de fazer uso da força apenas sobre determinados tipos de estabelecimentos comerciais, o que provavelmente levaria a uma cisma entre este indivíduo e o Black Bloc.

1.3 Referencial teórico para compreensão dos nomes múltiplos

Podemos encontrar nas obras de Deleuze e Guatarri elementos que nos ajudam a compreender os nomes múltiplos. O primeiro deles seria a ideia de rizoma, um contraponto direto às estruturas arborescentes, ou seja, hierárquicas e centralizadas, identificadas com o Estado.

O rizoma se caracteriza, portanto, por princípios outros como a heterogeneidade e a possibilidade quase infinita de conexão, isto é, qualquer ponto de um rizoma pode se conectar a um outro ponto do rizoma, sem que para isso tenha que passar por um centro, um ponto unificador. O que nos leva à outra característica importante, a capacidade de ser retomado e seguir uma outra linha, caso seja rompido.

O conceito de rizoma dialoga com outro conceito proposto pelos autores, o de “maquina de guerra”. Não devemos entender “máquina de guerra” como um aparato militar do Estado, utilizado para realizar guerras contra seus inimigos externos ou internos, mas sim como um regime de pensamento exterior às diversas formas de Estado surgidas ao longo da história. Importante deixar claro que o Estado, na visão de Deleuze e Guatarri, seria a manifestação de outro regime de pensamento, o “aparelho do Estado”. Os dois regimes de pensamentos, embora podendo agir em conjunto em determinados momentos, não se complementam.

Tentando deixar mais claro a distinção entre o aparelho de Estado e a maquina de guerra, os autores fazem uma analogia com 2 jogos de tabuleiro. O aparelho de Estado é relacionado ao xadrez, onde “as peças do xadrez são codificadas, têm uma natureza interior ou propriedades intrínsecas, de onde decorrem seus movimentos, suas posições, seus afrontamentos.” (p.13, vol. 5). O espaço do xadrez é a pólis, uma estrutura concreta que é definida e define objetos, agentes e ações. Assim, no xadrez essa constância da estrutura permite que os movimentos das peças, jamais desconfigurem a pólis. Fica evidente, portanto que o xadrez como uma metáfora do pensamento identitário. Isto é, suas peças tem uma identidade definida que determina quais movimentos é possível fazer.

O quadriculado do tabuleiro também tem uma função importante uma vez que ele serve como uma metáfora do espaço social organizado pelo Estado, que é a máquina de classificação por excelência. Assim, o Estado define a identidade política daqueles com os quais ele se relaciona, homens, mulheres, trabalhadores, sindicalistas, desempregado etc.

Já a maquina de guerra, esta relacionada com o Go, onde as peças não tem uma função pré-estabelecida, podendo desempenhar diversas funções, como margear, cercar e arrebentar. De acordo com os autores “No Go, trata-se de distribuir-se num espaço aberto, ocupar o espaço, preservar a possibilidade de surgir em qualquer ponto: o movimento já não vai de um ponto a outro, mas devém perpétuo, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada” (p.14, vol.5). O espaço do Go é o *nomos*, um espaço impreciso, contra o espaço de classificação identitário que pode parecer confuso já que não possui uma estrutura definida e definidora; os movimentos das peças trabalham constantemente com a ideia de territorialização e desterritorialização, de modo a nunca se consolidar. Portanto, aqui, as “identidades” não funcionam, pois tudo torna-se relacional.

Entendemos, portanto, que os nomes múltiplos, enquanto potência da máquina de guerra, tem a capacidade de criar uma prática de liberdade relativo aos dispositivos de poder próprios da sociedade de controle, uma vez que

2. Justificativa

A escolha de, concentrar o projeto no estudo do Black Bloc para discutir questões pertinentes aos nomes múltiplos, da-se porque durante as diversas manifestações que ocorreram no Brasil a partir de junho de 2013, o Black Bloc ganhou destaque, se tornando comum encontrar revistas e jornais, além de programas telejornalísticos, que realizaram reportagens discutindo suas práticas, o que possibilitaria uma pesquisa mais ampla e abordaria um tema presente no imaginário popular.

Somado a isso, temos o fato de que ao buscar por referências acadêmicas sobre os temas nomes múltiplos e Black Bloc, fica evidente que o assunto despertou pouco interesse por parte dos intelectuais, uma vez que a bibliografia disponível é pequena. Acreditamos, portanto, que seja necessário realizar uma análise acerca das dinâmicas e processos de interação adotados pelos integrantes do Black Bloc, a fim de compreender, ainda que parcialmente, um fenômeno social que tem ganho cada vez mais espaço na contemporaneidade, o nome múltiplo.

Dessa forma, essa pesquisa procura reunir a grande repercussão que o Black Bloc tomou nas mídias à necessidade de compreendê-lo de maneira sociológica, o que permitirá uma reflexão sobre identidade, dessubjetivação e resistência na sociedade de controle.

3. Problema

Esse projeto tem como objetivo investigar como se dão as relações sociais que constituem o nome múltiplo Black Bloc. É sabido que eles se organizam de *“forma horizontal, não hierárquica, própria para evitar a lentidão de uma gestão centralizada. Não existe chefe nem verdadeiro plano unitário, mas sim indivíduos que constituem pequenos grupos de afinidade independentes uns dos outros.”* (Ludd, 2002, p.83).

Nesse projeto nos concentraremos em entender dois eixos principais que se interligam. O primeiro diz respeito a forma como se constitui um nome múltiplo. Nesse sentido, se faz necessário atentar às exigências para se tornar um Black Bloc, afinal basta se vestir com roupas pretas e tapar o rosto e automaticamente você fará parte do nome múltiplo ou há outros pré-requisitos que devem ser cumpridos?

O segundo eixo a ser estudado tem como foco o modo como se dão as relações de poder dentro do nome múltiplo. Este questionamento é importante pois, embora o Black Bloc tenha sua existência voltada para a atuação nas ruas, essas são planejadas em reuniões em que se definem como será a atuação durante a manifestação a qual participarão, ou seja, a atuação do Black Bloc

não é feita de forma instintiva e irracional, são discutidos com antecedência quais símbolos quebrar, qual a melhor rota de fuga caso seja necessário fugir, quais materiais serão necessários para a ação e etc.

O que nos propomos a analisar é se nessas reuniões e na própria atuação nas ruas é possível perceber a existência de atores principais, pessoas cujas falas tem peso maior do que a fala de outros e, a partir de então, analisar se podemos considerá-los líderes e se são utilizados mecanismos que impossibilitam a manutenção e preservação dessa relação de poder, tal qual, nas sociedades indígenas estudadas por Clastres (2003).

4. Metodologia

Consideramos que para compreender a forma como o Black Bloc se organiza seja necessário analisa-lo através de 3 perspectiva diferentes: a maneira como o(s) grupo(s) que constitui esse nome múltiplo enxerga a si mesmo; como se dão as dinâmicas de poder dentro do Black Bloc; e, por fim, o modo como os veículos midiáticos tem definido o Black Bloc.

Para entender esse nome múltiplo de acordo com a nossa primeira perspectiva, vamos explorar os comunicados, textos e informes postados nas redes sociais das quais eles fazem parte, como o Facebook e o n-1, visando entender de que maneira o Black Bloc trata a si mesmo (como um grupo? Como movimento? Como tática?), perante os veículos que lhe possibilitam uma comunicação direta com a sociedade civil.

Já na segunda perspectiva, nos voltaremos à análise das páginas do Black Bloc em duas redes sociais, o Facebook e o n-1, a fim de compreender como se da a relação de forças dentro desse nome múltiplo. Para tanto, procuramos responder ao menos, as seguintes questões: Quem é o responsável por essas páginas? Essa pessoa ou grupo tem mais poder que os outros participantes do Black Bloc? É discutido coletivamente em reunião (em ambiente virtual ou não) o que será publicado ? Quem participa dessa reunião? Qualquer um pode participar ou há uma (pré) seleção?

Ainda nessa segunda perspectiva, entrevistaremos componentes do Black Bloc para entender as dinâmicas do poder que estão em jogo nesse nome múltiplo de acordo com os entrevistados. A dificuldade em conseguir entrevistas nesse caso, pode ser resolvida com entrevistas virtuais, onde o anonimato será garantido; pequenas entrevistas durante as manifestações; e também entrevistas com contatos já consolidados.

Por último, na terceira perspectiva, analisaremos como a mídia tem tratado o Black Bloc. Consideramos esse procedimento importante pois como a mídia tem dado bastante destaque a esse nome múltiplo após as jornadas de junho realizar uma “ampla” coleta de reportagens, matérias e

artigos pode nos ajudar a compreender a relação de poder presente no Black Bloc e de que maneira a mídia tem lidado com esta nova forma de atuar politicamente.

Para isso, faremos uso da cartografia da controvérsia (Latour, 2012) onde produziremos grafos a fim de visualizar de maneira ampla o embate discursivo sobre o Black Bloc, analisando de que maneira esse nome múltiplo é construído perante a população.

5. Bibliografia

BLISSETT, Luther. *Guerrilha Psíquica*, São Paulo: Ed. Conrad. 2001

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

LUDD, Ned. *Urgência das Ruas - Black Block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*. São Paulo: Conrad, 2002.

MESQUITA, André Luiz. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)*. 2008. 429 f. Dissertação (mestrado em história cultural) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo. 2008

Ortellado, Pablo. *Estamos vencendo* 2004

Ortellado, Pablo. 2014 <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,o-bloco-dos-desobedientes,1130747,0.htm>

Ortellado, Pablo. 2014 <http://oglobo.globo.com/opiniao/black-bloc-na-sombra-11657043>

SALVATTI, Fábio *O prank como opção performativa para a rede de ativismo político contemporâneo*. 2010